

## CARLOS REAL DE AZÚA SOB O OLHAR DE LISA BLOCK DE BEHAR

*Luiz Roberto Velloso Cairo*  
*Universidade Estadual Paulista*

Gostaria, inicialmente, de agradecer aos colegas Tania Franco Carvalho e Pedro Câncio da Silva pelo convite para participar deste importante Colóquio e pela escolha de meu nome para comentar o texto de Lisa Block de Behar.

Ressalto aqui a relevância do texto de Lisa para os estudos de Literatura Comparada e de Literatura Latino-Americana, não só pela reflexão sobre a história da crítica literária na América Latina, mas também pela metodologia utilizada – a comparação entre os críticos Carlos Real de Azúa e Roland Barthes, bem como a posição da crítica do nosso continente frente à crítica do continente europeu.

Em *La crítica de Carlos Real de Azúa: El impulso y su freno*, Lisa Block de Behar traça um perfil do crítico uruguaio, oferecendo-nos uma curiosa visão da obra multifacetada do mesmo.

O fato de Carlos Real de Azúa exibir muitas faces, na sua trajetória crítica, dificulta, segundo a autora, definir sua posição no campo da Teoria Literária, decorrente tanto da originalidade de seu pensamento, quanto das peculiaridades de seus cursos e da grandeza e variedade de seus textos.

Certa vez, conta-nos Lisa Block de Behar, Real de Azúa, num estudo sobre o ensaio, considerou-o um gênero ilimitado. Por sua vez, Lisa Block de Behar, referindo-se a Real de Azúa e, parafrasean-

do a sua colocação, afirma ser o crítico, ensaísta por excelência, também um gênio ilimitado.

Num belo discurso, cuja dominante, em muitos momentos, é a função poética da linguagem, Lisa Block de Behar vai mostrando que, apesar das várias faces cunhadas na escritura, a imagem de Real de Azúa é inacessível também nas raras fotografias furtivas, onde sua figura escapa aos olhos mesmo do leitor mais atento.

Na tentativa de captá-la, primeiro aproxima-o de Roland Barthes, crítico internacionalmente consagrado, e, através de uma abordagem comparativa, marca as semelhanças e principalmente as diferenças entre ambos. Em seguida, traz a opinião de dois críticos uruguaios de linhagens diferentes, Emir Rodríguez Monegal e Ángel Rama, a respeito da obra de Real de Azúa e, finalmente, analisa a sua contribuição para o currículo dos cursos de Letras, manifestada através da organização de uma disciplina de *Introdução à Estética Literária*, mais tarde denominada *Teoria Literária*, cujo programa, que funcionava como guia do professor e do aluno, era estruturado como um trabalho *in progress*, um palimpsesto, onde era possível ler dados do passado e do futuro.

O olhar de Lisa Block de Behar enfatiza a marca do paradoxo na obra crítica de Real de Azúa, conforme se depreende ao longo do texto, por exemplo no recorte que ela faz do olhar de Emir Rodríguez Monegal sobre o discurso de Real de Azúa:

*De los escritores importantes del 45, Real de Azúa (nació en 1916) es sin duda alguna el que escribe peor. Es también el que organiza más desordenadamente sus libros ('El Patriciado Uruguayo' empieza con una llamada que remite al lector a una advertencia que figura como apéndice y que cualquiera hubiera puesto como introducción); es el que ha padecido menos la popularidad. Todo eso no impide que Real sea el ensayista más valioso, el más típicamente fermental y enriquecedor de su período.*

Chamou-me a atenção, em particular, no texto de Lisa Block de Behar, uma observação que ela faz ao comparar o discurso crítico de Real de Azúa ao de Roland Barthes.

O fato de terem vivido e morrido na mesma época e terem seus discursos marcados pela escritura, no sentido barthesiano, aproxima-os, embora os contextos dos discursos os tenham afastado e

marcado diferenças que me levaram a refletir sobre as zonas fronteiriças dos mesmos.

Por mais interessante e complexo que seja o discurso de Real de Azúa, alguma coisa acontece que impede o acesso à sua escritura no contexto europeu, latino-americano e mesmo no uruguaio.

Como Lisa Block de Behar bem marcou:

*Si bien Real de Azúa conocía la obra de Barthes, Barthes desconocía a Real de Azúa, y la injusticia del quiasmo cruza el mundo en todos los sentidos. No es esta la oportunidad de analizar el desajuste abismal entre la curiosidad enorme y minuciosa que Real de Azúa dispensaba al mundo y el desconocimiento que el mundo hasta ahora le reserva. Todavía no se le ha dedicado al escándalo de esta desproporción la atención que requiere: consentido con tolerancia indolente y diminutivos afectuosos por sus compatriotas – no solo los más allegados solían decirle "Carlitos" – ignorado por los demás, configura otro aspecto de la vigilante ignorancia que omite a otro crítico notable de su generación, Emir Rodríguez Monegal, quien celebrado en todo el mundo, sigue conocido-no-reconocido por la desintelligentsia de su país. No descarto que las semejanzas de esta simetría violenta respondan a las mismas fuerzas. Con el tiempo se dirá.*

Vejo, nesta observação, uma questão curiosa que me foi despertada pela leitura do texto "Comunidades inter-literárias e relações entre literaturas de fronteira", de Tania Franco Carvalhal.<sup>1</sup> A autora tece considerações a respeito do conceito de "polissistema", pensado por Itamar Even Zohar, da Universidade de Tel-Aviv, e posteriormente ampliado pela noção de "comunidades inter-literárias", do iugoslavo Dionyz Durisin.

Para Even Zohar,

*a noção de polissistema possibilita o estudo das relações literárias em suas diversas dimensões, também entre os subsistemas canônicos e não-canônicos, evidenciando que as tensões no interior de uma literatura são capazes de explicar casos que, por vezes, permanecem enigmáticos.<sup>2</sup>*

1 CARVALHAL, Tania Franco. Comunidades inter-literárias e relações entre literaturas de fronteira. In: *Identidade e representação*. (Org. Raul Antelo) Florianópolis: UFSC, 1994, p. 93-102.

2 IDEM, *ibidem*, p. 97.

Da noção de "comunidades inter-literárias", ou seja "*formações vivas e variáveis*" nas quais interagem várias literaturas nacionais,<sup>3</sup> interessou-me particularmente a categoria do "sincretismo das tradições literárias" onde convergem as marcas da literatura própria e dos influxos alheios,<sup>4</sup> estabelecida por Dionyz Durisin quando pesquisou as literaturas latino-americanas.

Através do olhar de Lisa Block de Behar, vemos que os discursos de outros críticos uruguaios, refiro-me a Emir Rodríguez Monegal e Ángel Rama, ideologicamente diferentes, mas pertencentes ao mesmo subsistema literário, atravessaram fronteiras, ao contrário do que ocorreu com o discurso de Real de Azúa, conhecido parcialmente até mesmo no seu subsistema literário.

Será que a penetração intercontinental dos discursos dos dois primeiros não se liga a uma integração ou assimilação – e conseqüente menor inventividade – em relação ao subsistema canônico do discurso do colonizador? Se assim pensarmos, o discurso de Real de Azúa evidencia uma originalidade e uma inventividade maiores, pois sua inacessibilidade poderia ser lida no contexto europeu como prova de uma natural recusa e/ou incapacidade de percepção da diferença por parte do colonizador e, no contexto latino-americano, e mais ainda no urguiaio, esse estranhamento poderia constituir uma marca efetiva da diferença cultural, que iria pôr em risco o discurso do colonizador, na medida em que, como um índice de autonomia do discurso do colonizado, abre a possibilidade para a criação de um subsistema não-canônico.

Muito adequadamente, Tania Franco Carvalhal ressalta no texto anteriormente citado que:

*O processo interliterário nos permite ver a literatura nacional em posições, pelo menos momentâneas, de subordinação e/ou de articulação com outras literaturas. Quer dizer, entendê-la em suas diversas fases, de formação e consolidação, em evolução e funcionamento.*<sup>5</sup>

Isto me leva a refletir sobre certas questões apontadas por Antonio Candido em alguns dos textos onde ele faz uma reflexão sobre a literatura da América Latina.

3 IDEM, *ibidem*, p. 98.

4 IDEM, *ibidem*, p. 99.

5 CARVALHAL, Tania Franco. *Op. cit.* p. 100.

Uma destas questões aparece em *Literatura e subdesenvolvimento*,<sup>6</sup> publicado em 1972, e diz respeito ao fenômeno da ambivalência, traduzida pelo impulso da cópia servil do modelo do colonizador e pelo impulso da rejeição deste modelo por parte do colonizado expresso através de *um regionalismo que, ao parecer afirmação da identidade nacional, pode ser na verdade um modo insuspeitado de oferecer à sensibilidade européia o exotismo que ela desejava, como desfastio; e que se torna desta maneira forma aguda de dependência na independência*.<sup>7</sup>

A superação do fenômeno da ambivalência é relativamente recente, se pensarmos na cobrança de que foram vítimas escritores como Clarice Lispector, Júlio Cortazar e outros.

A debilidade cultural do contexto latino-americano gerava uma total incapacidade de aceitar a diferença. Registravam-se apenas as influências, fossem elas regionais ou das metrópoles colonizadoras.

Esta tendência se refletia inclusive no âmbito da Literatura Comparada, onde, até bem pouco tempo, a ótica dos estudos também enfatizava a influência em detrimento da diferença cultural.

Em *Os brasileiros e a nossa América*,<sup>8</sup> texto de 1989, Antonio Candido observa a maneira como *os dois grandes blocos lingüísticos da América Latina têm pensado um no outro e têm visto um ao outro*<sup>9</sup> e chama a atenção para o fato de que *o bloco luso, isto é, o Brasil, se preocupa mais com o bloco hispânico do que o contrário*.<sup>10</sup>

Será que o desconhecimento recíproco advém apenas das diferenças lingüísticas? Não seria este desconhecimento fruto da permanência do fenômeno da ambivalência? A dificuldade de conceber a América Latina na sua heterogeneidade, ou seja, na convivência com as suas diferenças culturais, não seria bem maior do que a própria idéia da homogeneização do continente? Não é mais simples aceitar a pacífica existência autônoma de dois blocos lingüísticos distintos, o que acaba sendo responsável pelo cômodo isolamento maior do bloco luso?

6 CANDIDO, Antonio. *Literatura e subdesenvolvimento*. In: *América Latina em sua Literatura*. (Coord. e Introd. de César Fernández Moreno) (Trad. Luiz João Gaio) São Paulo: Perspectiva, 1979, p. 343-362.

7 IDEM, *ibidem*, p. 357.

8 IDEM. *Os brasileiros e a nossa América*. In: *Recortes*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993, p. 130-139.

9 CANDIDO, Antonio. *Op. cit.*, p. 130.

10 IDEM, *ibidem*, p.130.

Na verdade, faltam estudos comparativos das tradições críticas da América Latina. Quando se procura refletir sobre as diferentes condições dos dois blocos, o saldo, na maioria das vezes, é muito mais de afinidades do que de diferenças culturais, pois do ponto de vista lingüístico, houve influências distintas advindas de colonizadores diferentes, mas, do ponto de vista cultural, há um único bloco, pleno de afinidades, fruto da condição de colonizados por um mesmo amálgama colonizador.

Ao afirmar a existência da literatura brasileira, em 1843, o chileno Santiago Nunes Ribeiro disse com muita lucidez, no ensaio *Da nacionalidade da literatura brasileira*, que *os brasileiros não estavam reduzidos a reproduzir as imitações portuguesas, que não era através dos escritos da mãe pátria que eles viam o que de melhor havia sido publicado, que bebiam nas fontes, recebiam a luz e não o reflexo*.<sup>11</sup>

Havia, portanto, um outro colonizador, cujo discurso era muito mais sedutor do que o discurso do colonizador português.

Nos demais países latino-americanos deve ter ocorrido a mesma situação, pois os hispânicos não se limitaram simplesmente a reproduzir as imitações espanholas, mas devem ter ido às fontes e, no ir às fontes, acabaram recebendo a influência desse outro discurso mais sedutor que constitui o que chamei de amálgama colonizador.

É neste sentido que falo de maiores afinidades do que diferenças na enorme diversidade cultural latino-americana.

Como Carlos Real de Azúa, existem outros críticos latino-americanos que, por conta do "sincretismo das tradições literárias", são conhecidos apenas parcialmente nos subsistemas literários a que pertencem e permanecem desconhecidos nas comunidades inter-literárias.

Este estado de coisas poderia ser alterado se nos desviássemos da perspectiva da influência do discurso do colonizador e dirigíssemos mais o olhar para as diferenças culturais. O tempo é que nos dirá.

---

11 RIBEIRO, Santiago Nunes. *Da nacionalidade da literatura brasileira*. In: *Caminhos do pensamento crítico*. (Org. Afrânio Coutinho) Rio de Janeiro: Pallas S.A.; Brasília: INL/MEC, 1980, v. I, p. 58.

## BIBLIOGRAFIA

ANTELLO, Raúl (Org.) *Identidade & Representação*. Florianópolis: UFSC, 1994.

BEHAR, Lisa Block de. *La crítica de Carlos Real de Azúa: El impulso y su freno*. Montevideo: Universidad de la República, julio de 1995.

CANDIDO, Antonio. *Recortes*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

COUTINHO, Afrânio. (Org.) *Caminhos do pensamento crítico*. Rio de Janeiro: Pallas S.A.; Brasília: INL/MEC, 1980, v. I.

MORENO, César Fernández (Org. e Introdução de) *América Latina em sua literatura*. (Trad. Luiz João Gaio) São Paulo: Perspectiva, 1979.